

Comércio Internacional

Novos paradigmas

PASSARAM A ser rotineiras as duras críticas formuladas pela mídia internacional em relação aos subsídios concedidos para a fabricação do etanol à base de milho. Essa política é apontada com uma das principais responsáveis pela alta de preço dos alimentos no mundo.

Em 2007, os biocombustíveis absorveram o recorde de um terço da colheita de milho nos EUA. Foram 30 milhões de toneladas correspondentes à metade da queda nos estoques globais do cereal. Há mais de 200 subsídios diferentes ao etanol americano, assim como uma tarifa de im-

portação de US\$ 0,54 por galão de etanol, para limitar a entrada de produto da concorrência, no caso prático, o brasileiro.

A história dos subsídios e das barreiras comerciais das últimas décadas revela um custo exorbitante. Por ano, US\$ 240 bilhões são gastos para apoiar os agricultores de países ricos, enquanto os impostos aumentam, a comida perde qualidade e as monoculturas de cultivo intensivo ganham espaço. Isso provocou superprodução, fraqueza nos preços mundiais e prejudicou os produtores de países agro-exportadores emergentes. De 1974 a 2005

os preços dos alimentos nos mercados mundiais caíram 75% em termos reais.

Se o aumento do preço dos alimentos representa uma séria ameaça para a estabilidade, especialmente dos países mais pobres, é uma enorme oportunidade para uma revisão global das políticas agrícolas tradicionais. A Rodada Doha, da Organização Mundial do Comércio, ficou empacada nessa questão.

Os preços mais baixos dos alimentos desestimularam investimentos em agricultura e na infra-estrutura rural. Um quadro dramático para os países mais pobres, com três quartos da população vivendo no campo. Nos países em desenvolvimento, os recursos públicos para a agricultura caíram pela metade nos últimos 25 anos. Muitos países acostumados a exportar agora importam.

Um corte nos subsídios agrícolas pelos países desenvolvidos seria um caminho natural para reverter todo esse contexto.

As políticas agrícolas convencionais dos países desenvolvidos precisam urgentemente quebrar seu paradigma de associar umbilicalmente a segurança alimentar à independência alimentar. Essa visão limitada da soberania nacional não resolve o problema global de gerar alimentos nos quatro cantos do planeta. Estados Unidos e União Européia, ao contrário do início da Revolução Verde, na metade do século passado, não conseguirão mais, sozinhos, gerar excedentes de produção para atender à demanda global.

Nos últimos 40 anos, a população mundial dobrou. No mesmo período, a disponibilidade *per capita* de cereais ficou estável, a de oleaginosas quadruplicou e a de carnes cresceu 40%, enquanto a de madeira e lenha caiu 40%. Nos próximos 20 anos virão mais 2,0 bilhões de bocas para serem abastecidas.

É claro que o Brasil, ao lado de Rússia, Cazaquistão, Congo e Sudão, representam o conjunto de países onde estariam disponíveis terras para se plantar futuramente. Isso exigirá grandes investimentos em estradas, armazéns, portos, bem como na infra-estrutura das comunidades rurais. ■

Mundo: produção e demanda por alimentos e fibras (milhões de toneladas)

Produtos	Produção em 2005	Demanda em 2025	Produção adicional
Cereais	2.219,40	3.140,40	921,00
Oleaginosas	595,01	750,97	155,96
Perenes	242,81	321,99	70,18
Anuais	352,20	437,98	85,78
Carnes*	264,70	376,49	111,79
Aves	80,00	113,70	33,76
Suínos	103,40	146,80	43,60
Bovinos	63,50	90,40	26,30
Café	7,72	9,40	1,68
Fibras	28,50	36,37	7,87
Madeira	3.401,90	4.148,40	746,50

* Todas as carnes consumidas Fonte: FAO

Uso da terra no mundo (milhões de hectares)

Área	1961		2000	
	Total	%	Total	%
1. Total	13.055,50	100,00	13.066,70	100,00
2. Na agricultura	4.513,31	34,50	5.006,56	38,30
2.1. Cultivos anuais	1.276,56	9,70	1.396,28	10,69
2.2. Cultivos permanentes	89,66	0,70	135,08	1,03
2.3. Pastagens permanentes	3.147,09	24,10	3.475,28	26,60
3. Florestas naturais e plantadas	4.374,16	33,50	4.270,10*	32,70
4. Outros Usos	4.168,03	32,00	3.790,04*	29,00

* Dados ajustados Fonte: FAO